

Discurso de Saudação do Conselheiro Antonio Corrêa de Oliveira ao Conselheiro Honório Rocha, por ocasião da posse deste na presidência do Tribunal de Contas do Estado de Pernambuco

Não há para nós, deste Tribunal de Contas, senão alegria quando V. Excia, Cons. Honório Rocha, assume a presidência, por escolha unânime do Colegiado, a refletir apoio e, sobretudo, confiança na sua experiência, nos seus conhecimentos embasados em vida pública de muitos misteres e revelando ao correr dos anos, traços positivos de sua personalidade. De Xique-Xique, até hoje, muitos os caminhos percorridos. Em todos, sempre, princípios, idéias, força de vontade no aprimoramento.

Algumas cidades, além da terra natal, foram-lhe marcantes, por serem sede de instituições a que freqüentou, buscando a formação espiritual e humanística.

Entre elas: Olinda, a Marim dos Caetés, de igrejas, azulejos, padres inovadores e revolucionários, de arquitetura, testemunha de épocas de fastígio, de ladeiras, de bicas d'água, de semana santa concorrida e de bispos, às vezes antecipados pela cultura e visão do mundo. Bispos do porte de Azeredo Coutinho, fundador de seminário, e também conhecido por escola de heróis, e de influência decisiva na revolução de 1817, em urbe de admiradores de muito calor, um deles recusando convite para ser ministro do Supremo Tribunal Federal por não poder viver longe de seus ses, privado de suas belezas e sensível aos poetas que a imortalizaram em versos, tornando-a mais presente à nossa literatura, como os de Joaquim Cardozo:

“Olinda

Das perspectivas estranhas,

Dos imprevistos horizontes,

Das ladeiras, dos conventos e do mar.

Olho as palmeiras do velho seminário,

O horto dos jesuítas,
E neste mar distante e verde, neste mar
Numeroso e longo
Ainda vejo as caravelas....
Sábio silêncio do Observatório
Quando à noite as estrelas passam
sobre Olinda.
Muros que brincam de esconder nas moitas,
Calçadas que descem cascadeando nas
ladeiras.

Olinda,
Quando o luxo, o esplendor, o incêndio
E os Capitães-mores e os jesuítas
E os Bispos e os Doutores em Cânones e
Leis.

E ainda
Com as velhas bicas, os velhos pátios das
Igrejas:

Amparo, Misericórdia, S. João, S. Pedro,
Nossa Senhora de Guadalupe,
E os Beneditinos e as irmãs Dorotéias;
E os padres de S. Francisco.

Neste silêncio, neste grande silêncio
No terraço da Sé,
Sentindo a tarde vir do mar, tão doce e
religiosa,

Como a alma celestial de S. Francisco de
Assis”.

Seminário onde fez o curso superior de
filosofia. Pelos méritos foi distinguido com a
escolha para cursar a Universidade Gregoriana
de Roma, obtendo a Licenciatura em Teologia.

Outra cidade, marcante na sua vida, Roma,
por Cícero considerada “Rainha das cidades,
ornamento do Universo, asilo comum das

nações”; Afonso Arinos de Melo Franco nela encontra “qualquer coisa que se situa além do saber, na formação da cultura, e é tudo aquilo que deriva da receptividade emotiva, da adequação da sensibilidade ao espetáculo, da reconstrução interior do que o mundo exterior pode sugerir mais que oferecer”. E afirma “Roma somos todos nós, latinos e cristãos. Pela sua amplitude imaterial, ela é a única cidade que não desnacionaliza a quem com ela se identifica, porque, como a casa referida no Evangelho, tem muitos moradas”.

Na Universidade os estudos, as aulas em latim, sem descurar do grego e do domínio do francês. Conviveu com professores e alunos dos mais diversos países. Aferiu vocações, avaliou condutas, e sentiu a força da fé na formação de personalidades envoltas em ideais os mais puros.

Depois, Petrolina. Os exercícios pastorais e do magistério. O contacto com o povo, afeito às inclemências do tempo, conseguindo superá-las. A identificação com o rio e suas barrancas. Com líderes que se projetaram no cenário nacional, lá nascidos ou que por lá passaram, dando exemplos de desprendimento a serviço de causas nobres. Da bravura de um Sousa Filho, vítima de sua lealdade a princípios que já estavam sendo superados pela dinâmica dos acontecimentos. De Nilo Coelho, parlamentar e administrador voltado para o interior, realizador de obras de vulto e que ficou, na história pátria pela independência e firmeza em desagradar para manter a dignidade do poder que presidia. De um dom Avelar Brandão, sereno e altivo, sabendo querer na defesa dos carentes seguindo as lições de sua igreja, no resguardo dos direitos do homem, feito à imagem e semelhança de Deus.

Assim foi V. Excia, professor, pastor, líder, integrando-se à comunidade e iniciando-se na vida política, com o mandato de vereador. Entre tantos afazeres, ainda teve tempo para se dedicar ao estudo da ciência do direito, sendo o laureado de turma da Faculdade de Direito de Caruaru, a nos recordar Álvaro Lins, Vitalino e

os irmãos Condé.

Nas Alterosas, precisamente em Belo Horizonte, foi buscar a companheira de mais de vinte e cinco anos, de vida conjugal, dona Marta, decisiva no seu dia-a-dia, na formação do lar, dando-lhe paz e compreensão indispensáveis às uniões cimentadas no amor.

Ao Recife chega em 1971 para exercer o mandato de deputado estadual. Fixa-se em Boa Viagem. Torna-se um seu habitante, conquistado que foi pelo afago da brisa, as muitas tonalidades do mar e a gostosura das areias quentes da praia, oferecendo, assim, ambiente para educação desses dois encantos de juventude: Maria Amanda e Ana Vitória.

Na Assembléia, grande sua contribuição. Pareceres, projetos, discursos, demonstrando saberes e conhecimento jurídico, tão importante na vida do parlamentar. Discursos antológicos como o de saudação ao emérito mestre Pontes de Miranda. Como primeiro secretário se houve bem. O então governador, e hoje senador, Marco Maciel, o convoca para secretário do governo, mais uma experiência, um desafio que não o atemorizou e por saber que os cargos existem para serem servidos e nunca para se servir.

Em 82, chega a este Tribunal. Saudado por Jarbas Maranhão e prestigiado pelo comparecimento de pessoas gradas, alunos, amigos e entre eles, o ministro Eraldo Gueiros Leite, com uma certa dificuldade para se locomover mas, fazendo questão de vir abraçá-lo, testemunhando, assim o contentamento pela sua posse.

Nesta Corte, desnecessário dizer o que fez, como age, as posições tomadas, por serem do conhecimento de todos.

Primeiro Corregedor, em dois anos, estruturou o departamento, fazendo-o presente e bem presente, no disciplinamento, na observância das regras, esforçando-se por uma crescente produtividade e um melhor relacionamento na tarefa maior de projeção desta Corte.

Agora, é o nosso presidente. Sucede, na

direção da Casa ao Conselheiro Adalberto Farias, que se conduziu muito bem. Centro das decisões, impôs sua maneira de ser, modificou, convocou o que de mais sadio havia, implantou inspetorias, fez uma extraordinária administração, sendo credor, merecedor de nossos louvores. Homem do agreste pernambucano, de Surubim, sua pequena pátria, revelou acuidade e com determinação, conduziu o órgão, procurando o correto, o compatível, isento das pressões, que, às vezes, prejudicam. As inspetorias instaladas contaram com o apoio do executivo estadual, na pessoa do governador Joaquim Francisco, na liberação dos recursos, em ocasião de muita economia pela recessão e a seca que nos assolam.

Como vice-presidente, contou, no primeiro ano com o Conselheiro Severino Otávio e no segundo, com o Conselheiro Carlos Porto, ambos com vivência dos assuntos administrativos, adquirida nos muitos cargos que exerceram, tanto no executivo, quanto no legislativo.

A presidência deste Tribunal, conselheiro Honório Rocha, é incumbência que honra e a V. excia, não faltam atributos para exercê-la.

Exercê-la neste momento de crise nacional. Em que as instituições atravessam horas difíceis. O povo atônito não compreende e nem aceita tantos desmandos. A dilapidação do patrimônio público atinge a todos, especialmente aos que mais esperam da administração. Aos humildes e de pequeno poder aquisitivo. Nunca imaginamos o envolvimento de tantos líderes, empresários e homens do governo em atos que taumatizam e levam à descrença. Descrença na conduta dos que comandam os destinos coletivos. Não devemos, porém, nos deixar dominar pelo desânimo. Devemos ter esperança, confiar na esperança e acreditar na esperança. Necessitamos de um regime transparente. De verdade e de valorização dos recursos humanos. Que contenha a corrupção, assunto dominante, em todos os países, com maior ou menor intensidade. O santo padre, João Paulo

II, que do Vaticano acompanha as vicissitudes da Itália, abalada por escândalos com participação de sua elite política e empresarial, em sua última encíclica disse: “cresce a reação indignada em muitíssimas pessoas oprimidas e humilhadas nos seus direitos fundamentais e torna-se sempre mais ampla e sentida a necessidade de uma radical renovação pessoal e social, capaz de assegurar justiça, solidariedade, honestidade e transparência”.

Como vê é uma preocupação universal. Todos desejam transparência e moralidade. Para obtê-las, imprescindível o trabalho dos Tribunais de Contas.

Este de nosso Estado, ao passar dos anos, nas administrações Rui Lins, Jarbas Maranhão, Orlando Moraes, Suetone Alencar, Oliveira Neto, Severino Otávio, Fernando Correia e Adalberto Farias, vem exercitando e aumentando muito os seus afazeres. Para o desempenho de todas as atribuições que lhe forem determinadas na lei Maior, necessita, ainda, de aparelhamento mais adequado e de um número bem maior de funcionários. Se alcançasse esse desideratum, muito mais fácil o cumprimento de suas tarefas, e seriam mais pedagógicas que punitivas. A presença de auditores nos departamentos e órgãos da administração serviria para corrigir o que não estivesse de acordo com a legislação, além da fiscalização permanente. O controle externo tornar-se-ia ameno, vez que a orientação correta, evitaria os erros.

Agamenon Magalhães já afirmava que “Pernambuco se coze com suas próprias linhas”. É o que esta Casa faz. Vence as dificuldades, tem a apoiá-la corpo de funcionários dedicados e eficientes mantendo sonhos. O que seria do mundo se não se pudesse sonhar? Se não se vivessem tempos, tribos, no enfoque de Gilberto Freire, passado, presente e futuro. Sonho, uma constante no homem e para Fernando Pessoa:

“O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis

Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte.

A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte.
Os beijos merecidos da verdade."

Sonho acalentado por todos que fazem esta Corte, desejosos de maior abrangência na defesa do patrimônio público e no crescimento de instituição zelosa guardiã dos recursos coletivos.

No zelo do patrimônio público desagrada, entra em conflito, cria arestas.

Em época em que se reclama transparência, vital a presença de quem controla os gastos públicos, exigindo sua correta aplicação. Assim avulta o papel deste Tribunal, que passa a ser dirigido por V. Excia. Cons. Honório Rocha, tendo como vice o Cons. Carlos Porto. Duas personalidades, dois pensamentos que somam,

conjugam esforços, dão-se as mãos, com um único objetivo, cumprir a lei, valorizando princípios, éticos e morais, motivo maior das administrações.

Para ajudá-los estaremos todos, companheiros do colegiado, auditores, procuradores e funcionários, num somatório de forças e no salutar desejo de que impere a transparência, necessária às instituições, ao regime democrático, dando-lhe condições de fortalecimento, assegurando bem estar, e participação equitativa nas rendas, deixando de ser privilégio de uns para se tornar de todos.

A Vs. Excias: Conselheiro Honório Rocha e Carlos Porto, a saudação de confiança, o abraço de esperança de todos nós, integrantes deste Tribunal, certos de uma direção honrada e digna, não lhes faltando a proteção divina no honroso encargo.

DISCURSO DE POSSE DA NOVA PRESIDENTE DA AFTC

(Joana D'Arc Fernandes)

Senhoras e senhores,

Agradecemos o comparecimento a este encontro de especial significação para nós. Ele simboliza o reconhecimento de um trabalho sério e empreendedor, o reconhecimento da dedicação com que defendemos os interesses da AFTC.

Liderados por nosso colega Milton, este amigo querido, não nos foi difícil perseguir e obter tantas conquistas.

Com lealdade, com disposição ao trabalho incansável e com identidade de propósitos, ele nos uniu e nos conduziu à vitória que este momento representa: o voto de confiança em nós depositado pela segunda vez.

Não nos permitiremos esquecer os compromissos assumidos!

Seguiremos avançando e, em harmoniosa independência com este Tribunal, empreenderemos novas conquistas.

Estamos conscientes das dificuldades a serem enfrentadas. Contudo, para garantir que nossa Associação funcione em benefício de todos, combateremos com firmeza qualquer adversidade. Continuaremos vigiando, atentamente, nossa situação financeira (esta, aliás, já começa a nos dar sinal de alerta).

Com todo empenho iniciaremos nossa gestão, buscando tornar realidade o nosso plano de cargos e vencimentos. Para tanto ofereceremos ao Tribunal de Contas nossa parceria. Há, sem dúvida, um mútuo interesse nessa questão. O Tribunal sabe que funcionário não pode ser apenas um abnegado. Isso cansa. O Tribunal tem consciência de que funcionário